

As redes sociais nas migrações internacionais: migrantes brasileiros para os Estados Unidos e o Japão*

Wilson Fusco**

A partir de meados da década de 80, o Brasil é surpreendido por um novo movimento de sua população: a emigração de brasileiros para o exterior. Conforme demonstram vários estudos (Patarra e Baeninger, 1995; Sales, 1995; Bógus e Bassanezi, 1998; Sales e Reis, 1999), este movimento, que na década de 90 consolidou um fluxo em direção ao estrangeiro, acrescenta uma nova característica ao país que tem a imagem de nação de imigrantes.

A migração de brasileiros para o exterior tornou-se uma questão relevante quando o que era um movimento esporádico para o exterior, nos anos 70, transformou-se num fluxo migratório expressivo e com aspectos particulares em sua organização social. Ao longo das décadas de 80 e 90, foram destaque na imprensa as notícias de turistas brasileiros apreendidos pelos Serviços de Imigração, em aeroportos internacionais dos EUA e da Europa, pela suspeita de que poderiam vir a engrossar os contingentes de imigrantes ilegais nesses locais. Neste mesmo período também se configura um movimento de “retorno”¹ dos descendentes dos imigrantes que vieram para o Brasil no

final do século XIX e início do XX para os países de origem de seus ancestrais. Este movimento tem sido significativo entre os descendentes de japoneses (Sasaki, 1999) e entre os descendentes de italianos que vieram para o Sul e Sudeste do Brasil (Savoldi, 1998; Bógus e Bassanezi, 1998).

Apesar de contar com várias pesquisas sobre o tema, os estudos relacionados à migração internacional de brasileiros carecem sistematicamente de números representativos em suas análises, tanto em relação à origem quanto em relação ao destino dos migrantes. Os principais motivos para a lacuna de informações são dois: a ausência de quesitos satisfatórios na cobertura oficial das estatísticas nacionais e o caráter indocumentado de grande parte dos movimentos migratórios com origem no Brasil. O primeiro motivo resulta na falta de dados sobre migração internacional por parte das instituições governamentais, principalmente do IBGE, que é o principal provedor das parcas informações de que dispomos. O segundo motivo, o caráter indocumentado desta migração, principalmente a que tem como destino os Estados Unidos, faz com que os países de destino não consigam coletar dados em seus censos, pois o medo inerente à situação de indocumentado (ilegal) impede a declaração voluntária por parte dos migrantes.

Este projeto visa atenuar essa lacuna de dados representativos acerca da migração internacional de brasileiros mediante a criação de um banco de dados sociodemográficos e de histórico migratório que contempla uma amostra da população migrante em duas cidades, tomadas como pontos de origem de fluxos internacionais: Criciúma (SC), que tem os Estados Unidos como destino principal, e Maringá (PR), cuja

* A equipe responsável pelo projeto, financiado pela FAPESP e desenvolvido no Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é integrada por Wilson Fusco, Gláucia Assis e Elisa Sasaki e coordenada pela professora dra. Teresa Sales.

** Doutorando em Demografia pelo Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Unicamp.

¹ A expressão *retorno* é utilizada por descendentes dos imigrantes que vieram para o Brasil no início do século que, na década de 80, fizeram a trajetória inversa para a terra de seus ancestrais. A utilização do termo retorno é complexa, pois o que ocorre efetivamente é um retorno imaginário, na medida em que estes emigrantes nunca imigraram. Até o momento da emigração, sua ligação com a terra de seus pais e avós vem de sua descendência e do imaginário que se cria em relação à nação de origem como sendo sua terra natal. Neste sentido, os descendentes de japoneses, alemães, italianos e outros grupos muitas vezes utilizam a expressão *retorno* quando estão emigrando pela primeira vez para a terra de seus pais (Sasaki, 1999, p. 253-254; Savoldi, 1998).

parcela de nipo-brasileiros da população migra quase que exclusivamente para o Japão.

Resultados

A principal diferença entre os fluxos com destino aos Estados Unidos e ao Japão está relacionada com a legalidade de cada movimento. Os migrantes de Criciúma, que em sua maioria se dirigem aos Estados Unidos, raramente conseguem a documentação necessária para residir e trabalhar no país, e acabam se transformando em clandestinos. Os nipo-brasileiros de Maringá, ao contrário, migram para residir e trabalhar legalmente no Japão, na quase totalidade dos casos. O caráter de legalidade do movimento tem enorme influência tanto na configuração demográfica da população migrante, quanto no modo de organização social do processo migratório, como será visto em seguida.

As variáveis de sexo e idade apresentam características diferentes para cada população. O grupo com origem em Criciúma tem maioria de homens – 63% dos migrantes. Em Maringá, a população migrante também tem maioria masculina, mas a diferença entre os sexos é muito menor que em Criciúma, com as mulheres chegando a 44% dos migrantes. Esse relativo equilíbrio entre os sexos para os migrantes de Maringá está correlacionado, pelo menos em parte, com o índice de chefia feminina verificado, que foi menor do que para os migrantes de Criciúma. A proximidade entre as proporções de homens e mulheres migrantes em Maringá, por sua vez, não corresponde ao padrão verificado na bibliografia para a maioria dos fluxos internacionais com origem no Brasil, a qual indica a predominância expressiva de homens (Martes, 1999; Assis, 1999; Sales e Reis, 1999; Fusco, 2000).

Em relação às características de idade, a bibliografia descreve o movimento emigratório brasileiro contemporâneo como um fluxo no qual predominam os jovens e adultos jovens (Martes, 1999; Assis, 1999; Sales e Reis, 1999; Fusco, 2000). Em Criciúma e Maringá, a faixa de idade que

mais concentra migrantes é a de 25 a 29 anos. Também ocorre, para os dois municípios, a concentração de mais da metade da população migrante na faixa de 20 a 39 anos. No entanto, a concentração nesta faixa é mais forte em Criciúma, ao passo que em Maringá a distribuição dos indivíduos é mais espalhada em outras faixas de idade. As diferenças verificadas nas variáveis de sexo e idade entre os grupos de migrantes podem estar associadas, por um lado, ao tempo de amadurecimento de cada fluxo, que é maior em Maringá do que em Criciúma, e por outro, pelo aspecto de legalidade. *Grosso modo*, com o passar do tempo, as redes sociais ampliam seu alcance, diminuindo riscos e facilitando a inserção de mulheres e de pessoas com idade fora da faixa predominante. O *status* de legalidade, no mesmo sentido, favorece de forma mais ampla o ingresso de pessoas no movimento.

As redes sociais presentes nos fluxos migratórios de Criciúma e Maringá foram mapeadas em função da estratégia utilizada pelo migrante antes de sua primeira viagem, ou no início de sua estadia no destino, e durante seu período de residência no país estrangeiro. O que consideramos aqui como estratégia pauta-se em seis itens relacionados ao migrante: com quem migrou; qual a fonte de recursos financeiros para a primeira viagem; que ajuda teve para se hospedar no início da estadia; quem contribuiu para conseguir o primeiro emprego; qual a participação de agências especializadas; e, finalmente, as formas de contato com a origem.

Considerando todo o processo de preparação para a viagem, até a obtenção do primeiro emprego, verificamos que as agências de recrutamento contribuíram, em algum momento, para os migrantes de Criciúma e Maringá em cerca de 6% e 70% dos casos, respectivamente. Em Criciúma, as redes sociais, principalmente as de parentesco, configuram-se como principal ponto de apoio para o migrante, ao passo que em Maringá são as agências de recrutamento que desempenham esse papel. Uma grande diferença entre as duas redes é o custo para o migrante. O indivíduo

que usa os serviços de uma agência de recrutamento quita seus compromissos pagando em espécie, e suas obrigações acabam. Quem se apóia nos laços sociais eventualmente também “compra” favores com dinheiro, mas, na maioria dos casos, fica com a obrigação de retribuir o favor, multiplicando as conexões da rede social.

Finalmente, cabe destacar a importância, para o processo migratório, da manutenção dos contatos do migrante com sua comunidade de origem. Para os dois

fluxos analisados, somente cerca de 1% dos migrantes não mantêm contato regular com seus conhecidos no Brasil, provavelmente como resultado de separações familiares radicais. A comunicação contínua do migrante com sua origem é um dos elementos mais importantes para a continuidade e expansão das redes sociais, trazendo benefícios para quem já vive em outro país e novas possibilidades para os que planejam se mudar.

Referências bibliográficas

ASSIS, G. Estar aqui...estar lá... uma cartografia da emigração valadarenses para os Estados Unidos. In: SALES, T. e REIS, R. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 125-166.

BÓGUS, L. M. e BASSANEZI, M. S. Do Brasil para a Europa. Imigrantes brasileiros na Península Itálica neste final de século. In: BASSEGIO, L. (apresentação). **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 68-91.

FUSCO, W. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares**. Dissertação de mestrado em sociologia. Campinas, IFCH, Unicamp, 2000.

MARTES, A. C. B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachussets**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

PATARRA, N. L. e BAENINGER, R. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, N. L. (coord.).

Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 79-87.

SALES, T. O trabalhador brasileiro no contexto das migrações internacionais. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 89-101.

SALES, T. e REIS, R. R. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

SASAKI, E. Movimento de kassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: SALES, T. e REIS, R. R. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

SAVOLDI, A. **O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis, 1998.

Enviado para publicação em 07/10/2002.